

# DOCÊNCIA E REDES SOCIAIS: O AMBIENTE VIRTUAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

ADRIANA DE OLIVEIRA BATISTA

LEILA RABELLO DE OLIVEIRA

## RESUMO

As reflexões deste artigo abordam o surgimento das redes sociais digitais e suas influências sociais, culturais e educacionais. Abrange seu impacto no ensino, considerando as possibilidades pedagógicas, a capacidade em promover a participação e colaboração no aprendizado, bem como da habilidade docente para utilização deste recurso. O estudo concentrou-se em analisar referências que abordam o contexto das redes no país e na educação, e como os docentes interagem neste espaço de aprendizagem colaborativa. O levantamento verificou a necessidade de integrar as ferramentas tecnológicas à educação e que é de fundamental importância à mediação e capacitação docente junto às novas tecnologias.

**Palavras-Chave:** Rede social. Educação. Interatividade. Aprendizagem.

## ABSTRACT:

The reflections of this article approach the emergence of social networks and their social, cultural and educational influences. Covers your impact on education considering the pedagogical possibilities, the capacity to promote participation and collaboration in apprenticeship, as well as teacher ability for use of this resource. The study concentrated on analyze references which address the context of networks in the country and in education, and how teachers interact in this collaborative learning space. The survey checked the need to integrate technological tools and education that is of fundamental importance to teacher training and mediation with new technologies.

**Keywords:** Social networking. Education. Interactivity. Apprenticeship.

## INTRODUÇÃO

É visível o espaço que as redes sociais adquiriram no cotidiano neste novo século, e as probabilidades criadas por este fenômeno fomentam novas discussões sobre a sua utilização como ferramenta para o método didático nas salas de aula.

Sabe-se que além do uso da **WEB 2.0**<sup>1</sup> para entretenimento, sua caracterização prioriza o acesso à informação de um modo jamais imaginado na história, e que representa uma revolução sociocultural, econômica e política mundial sem precedentes. Nesta convergência social, este processo de troca de informações e conhecimento amplia as possibilidades de contato e de relacionamentos, e é neste contexto que surgem as redes sociais digitais.

O espaço de interação se expande, e os indivíduos podem compartilhar novas experiências, trocar informações e colaborar virtualmente em qualquer lugar do planeta, através de ferramentas disponibilizadas pela web.

---

<sup>1</sup> "Web 2.0 é a mudança para uma internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva"

As redes sociais digitais são ambientes dinâmicos, com participação na produção e veiculação de informação, de incentivo a participação e assim como em ambientes não virtuais tais redes também podem ter momentos de conflitos e lutas de interesse. São sistemas abertos, em construção permanente possuindo como característica principal a grande capacidade de transmissão de informação. (SILVA, 2010)

Com o desenvolvimento de comunidades virtuais abordando temas educacionais amplia-se o espaço para debates e questionamentos junto aos usuários; profissionais da educação, pesquisadores, alunos e a sociedade. Estes questionamentos circundam em torno da realidade do ensino e da aprendizagem, de como as redes sociais podem modificar as relações entre o docente e o aluno. Sobre a utilização dos recursos tecnológicos na educação, Kenski (2003) nos diz que:

As tecnologias redimensionaram o espaço da sala de aula em pelo menos dois aspectos. O primeiro diz respeito aos procedimentos realizados pelo grupo de alunos e professores no próprio espaço físico da sala de aula. Nesse ambiente, a possibilidade de acesso a outros locais de aprendizagem (...) com os quais alunos e professores podem interagir e aprender modifica toda a dinâmica das relações de ensino e aprendizagem. Em um segundo aspecto, é o próprio espaço físico da sala de aula que também se altera.

O presente estudo possui como objetivo abordar a inserção destas redes sociais no ambiente educacional, bem como as possibilidades dos recursos tecnológicos para fins educativos verificando também a importância da capacitação docente, com a finalidade de contribuir no processo educativo.

Foram averiguados autores que abordam estes questionamentos e referenciais teóricos sobre o surgimento das redes sociais e seu processo evolutivo, além de artigos on-line que pudessem colaborar com o estudo sobre as redes sociais, nos métodos de ensino e processos de aprendizagem.

## **1 DAS COMUNIDADES SOCIAIS ÀS COMUNIDADES VIRTUAIS**

No século XVIII, a sociedade depara-se com incríveis mudanças que transformavam seu cotidiano com inovações cuja finalidade era auxiliar no trabalho mecânico, na prevenção de doenças infecciosas, no saneamento básico, na energia elétrica, nos transportes.

Essas mudanças, principalmente no final do século, foram delineando uma mudança social radical para os padrões da época, no que foi chamada a Revolução Industrial, onde o desenvolvimento mundial entrou em uma nova escala social, cultural e econômica. Com o intuito de criar um parâmetro para analisar outra revolução somente comparada à Revolução Industrial, pelo seu impacto social, cultural e econômico, é a chamada revolução digital.

Essa revolução inicia-se existir no final do séc. XX e Início do séc. XXI e é caracterizada principalmente por ser estruturada através de uma tecnologia comunicativa.

“Além de mudar as opiniões e as formas de interagir, a introdução de um novo meio de comunicação e de uma nova tecnologia comunicativa, num determinado momento da história da humanidade, passou a atingir a esfera de interação com o mundo, contribuindo para determinar a transformação da estrutura de percepção da realidade”. (DI FELICE, 2008)

O mundo já havia se deparado com modernizações tecnológicas inovadoras, mas não com a densidade e influência que a internet introduziu, e neste espaço totalmente virtual, o processo extremamente simples permite qualquer indivíduo conectar-se a este “mundo virtual”, pela facilidade de manuseio e por uma “*interface*” acessível, que segundo Johnson (2001), em sua obra *Cultura da Interface* “*atua como uma espécie de tradutor (...) e dão forma à interação entre usuário e computador*”. Neste espaço a sociedade recebeu o acesso a um ambiente para obter informações e compartilhar ideias, encontrar pessoas, produtos, serviços.

Observados os primeiros impactos socioculturais e econômicos realizados pelo advento da internet, principalmente entre a geração que acompanhou o surgimento desta tecnologia, iniciou-se um processo que delimitaria o espaço social, e a partir deste preceito foi preciso analisar as diferenças de comportamentos entre os chamados “imigrantes digitais” e os “nativos digitais”.

Imigrantes digitais é a definição dada aos indivíduos, que nasceram antes do surgimento da internet e tiveram que adaptar-se a esta nova realidade, e os Nativos digitais é a definição reservada à geração que já nasceu ajustada ao ambiente virtual. Existe grande diferença na atitude destas duas gerações, enquanto dentre os “imigrantes”, ainda percebe-se uma resistência ou desconfiança na utilização dos recursos da internet, os “nativos” navegam por ela da forma mais natural possível, e moldaram suas próprias vidas pelo mundo virtual.

Esta geração Web 2.0 torna-se exigente à espera de novidades interativas, e com a proposta de proporcionar interação aos usuários os desenvolvedores solicitam a colaboração nos novos perfis, com o objetivo de criarem páginas mais acessíveis e dinâmicas.

Através de serviços de programação e suas linguagens, é possível produzir conteúdos personalizados para a web, levando o usuário além do que um simples expectador, mas um produtor na internet, reforçando esta afirmação é possível citar Di Felice (2008):

(...) as interações entre sujeito e território mediadas pela tecnologia, assumem nos novos contextos digitais as formas dinâmicas e imateriais de uma interação em rede em que a gestão das informações e a elaboração dos processos decisórios saem do controle do emissor e fazem do indivíduo não mais parte de um público, mas sujeito tecnologicamente ativo e potencialmente autônomo.

É neste contexto que surgem as redes sociais, definindo a característica desta geração de colaborar entre os usuários na construção de conteúdo e sua editoração na internet, formando uma rede virtual de inteligência coletiva<sup>2</sup>. As “tecnologias da inteligência”, conforme referencia Kenski (2003 apud Lévy 1993): “*as chamadas tecnologias da inteligência, construções internalizadas nos espaços da memória das pessoas e que foram criadas pelos homens para avançar no conhecimento e aprender mais. A linguagem oral, a escrita e a linguagem digital são exemplos paradigmáticos desse tipo de tecnologia*”.

Estes usuários utilizam-se das propriedades colaborativas das redes sociais para desenvolver melhores aplicativos e conteúdos, aproveitando a influência da inteligência coletiva na criação de conceitos, difundir ideias e promover ações, com todos possuindo a mesma intenção de melhorar a linguagem e os mecanismos de acesso e contato em um processo de interdependência contínua.

Spyer (2007) amplia a visão de interatividade entre os indivíduos neste ambiente:

---

<sup>2</sup>Termo utilizado pelo filósofo Pierre Lévy, estudioso das interações entre a sociedade e a Internet.

O acesso às mídias sociais – termo que designa ferramentas, plataformas e práticas usadas para o compartilhamento de opiniões e experiências via internet – permite que usuários comuns passem a ter o mesmo poder de difusão de informação antes reservado a governos e grandes corporações de mídia. Limitações de tempo e espaço foram reduzidas permitindo a interlocução entre grupos de pessoas.

Portanto faz-se extremamente necessário realizar estudos sobre o papel da educação neste contexto social, já que os alunos estão inseridos nesta grande rede, é necessário verificar as possibilidades de utilização da internet como fonte de recursos para o ensino, visto que essa geração de estudantes praticamente modificou as formas de relacionamento entre os grupos, é importante que a educação acompanhe esta linguagem.

## **1.1 Das comunidades virtuais às redes sociais**

A origem das Comunidades virtuais tem sua base fundamentada durante o final da década de 1980, e sua organização orquestrada por jovens com acesso à informação, tecnologia e também com nível social elevado, que desenvolveram um espaço de interação, criatividade, inovação e principalmente de relacionamentos. A inquietude destes indivíduos, e suas necessidades de suprir as dificuldades de relacionamentos os levaram a fundar comunidades que são espaços de encontro e interação entre as pessoas, como um exemplo de organização social que combina tecnologia e informação.

Lévy (1999, p.127), define que:

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.

Estas comunidades, quando mediadas pela tecnologia, são capazes de estabelecer novos relacionamentos e vivências, “que podem ser positivas ou não”, podendo fundamentar sentimentos de acolhimento e pertencimento, mas permitindo a utilização para outros fins, como a política, a democracia e também como espaço para protestos das minorias, como podemos conferir em recentes transformações de cunho social, cultural e ecológico, tanto em manifestações contra regimes opressores quanto em denúncias criminais e crimes virtuais.

Castells (1999) reflete sobre as comunidades virtuais e seu acesso ao afirmar que é cultural, educacional e economicamente restritivo, e continuará assim por muito tempo, seu impacto cultural pode ser o reforço potencial das redes sociais culturalmente dominantes.

Percebe-se a influência que as comunidades virtuais adquiram junto à sociedade como recurso político e social e jurídico, também como propiciaram a participação e a informação nesta conjuntura, porém esta discussão geraria um capítulo à parte, visando estruturar a função dos atores dentro deste novo contexto, como adendo Torres (2008) afirma no artigo *Cyborcracia*<sup>3</sup>:

(...) temos assistido cada vez mais o surgimento de redes on-line de participação e de expressão da opinião pública que incentivam a circulação de informações e possibilitam novos processos de elaboração coletiva das questões sociais e políticas em constante interação e debate com as instituições.

---

<sup>3</sup>Cyborcracia, capítulo de número nove da obra: *Do público para as redes*. Editora Difusão, 2008

Os conceitos de comunidades virtuais começam a modificar em meados dos anos 2000, onde começa a ser definida a concepção “Redes Sociais Digitais”. A concepção de rede social não se configura uma inovação, pois desde os anos 90 já se propagavam sites de relacionamentos com a finalidade de unir casais.

Porém como afirma Spyer (2007):

*“Este conceito evoluiu para atender a demanda por relacionamento em outros níveis como o profissional e o social, ou ainda por temas de interesse específico”, e como diferencial os novos: “social network services, é que eles não se limitam a cruzar informações para aproximar desconhecidos com potencial de relacionamento, mas também oferecem uma maneira para as pessoas reconstruírem na internet sua rede de familiares, amigos e colegas”.*

As redes virtuais, “articulam-se entre os” princípios de interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva, decorrentes das interações entre indivíduos, os “fluxos de informação”, e são princípios das comunidades sociais: as comunidades de bairro, as comunidades escolares e universitárias e também suas interconexões.

Redes sociais são ambientes digitais organizados por meio de uma interface virtual (desenho ou mapa de conceito). A interface tenta possibilitar a integração de um perfil humano com a intenção de posicionar, frente a amigos e colegas, os pensamentos e maneiras de expressão sobre um assunto. (AZENHA, 2011)

Silva (2010) em seu artigo “Redes Sociais Digitais e Educação destaca que “as primeiras redes digitais surgiram com o desenvolvimento em 1997 do Sixdegrees, ou seja, um site que permitia a criação de um perfil virtual combinado com registro e publicação de contatos”“. E realiza levantamento sobre o surgimento a partir dos anos 2000, de outros “serviços de redes sociais, entre eles o Friendster, lançado em 2002”. Em meados de 2003, surgem as redes sociais na forma como as conhecemos, como o Myspace, o QQ (origem na China), Live Space (no México e na Europa, o Orkut entre outros).

O Twitter e o Facebook originaram-se posteriormente, em 2006 e fundamentaram-se como mais um recurso de rede social, alcançando relativo sucesso e em seguida pleno domínio no espaço das redes sociais digitais, conforme podemos contemplar ultimamente.

O quadro 1, foi publicado no artigo de Siony Silva, porém a autora o extraiu de estudo produzido por Boletines Pandalabs (2008), a fim de demonstrar a cronologia da origem dos primeiros recursos de rede social.

**Quadro 1 – Cronologia dos principais recursos de rede social**

1995	1997	2002	2003	2004	2005	2006
------	------	------	------	------	------	------

<b>Classmates</b>	<b>SixDegrees</b>	<b>Friendster</b>	<b>MySpace</b>	<b>Orkut</b>	<b>Yahoo</b> 360°	<b>Facebook</b>
		<b>Fotolog</b>	<b>Linkedin</b>			<b>Twitter</b>
			<b>Hi5</b>			<b>Tuenti</b>

Fonte: (Boletines PandaLabs, 2008, p.4)

Dessa forma, surgem sites de relacionamentos ou redes sociais cujo foco principal é reunir as pessoas possibilitando a interação entre os membros, e também fornecer informação. Estas redes se dividem em quatro escalas principais: as redes de interesse geral ou “megacomunidades” como o Orkut, o Facebook e o My Space; as redes de acesso livre para compartilhamento de arquivos: You Tube (compartilhamento de vídeos), SlideShare (compartilhamento de apresentações), Flickr (compartilhamento de fotos); Blogs (Blogger) e Microblogging, no caso do Twitter; e redes temáticas com foco em interesses específicos de uma comunidade, como o Google Groups, o GROUP.PS, o Ning entre outros.

Para ter uma ideia do poder das mídias sociais, das quais as redes sociais são uma categoria, seguem números levantados por Telles (2010):

- a) 126 milhões: número de blogs existentes na internet (fonte: Blog Pulse);
- b) 27,3 milhões: números de tweets no Twitter por dia;
- c) 500 mil: números de aplicativos ativos no Facebook;
- d) 800 milhões: número de usuários no Facebook até Agosto de 2011.
- e) 5 bilhões: número de minutos que as pessoas do mundo todo passam por dia no Facebook;
- f) 4 bilhões de: fotos hospedadas no site de compartilhamento Flickr;
- g) 3,6 bilhões: novas fotos no Flickr em um mês;
- h) O Google comprou o You Tube, um site de compartilhamento de vídeos, por US\$ 1,65 bilhão;
- i) 1 bilhão: média de vídeos exibidos no You tube em um dia;
- j) No Brasil, mais de 80 % dos internautas participam de alguma mídia social.

Estas estatísticas demonstram o panorama e a importância das mídias e das redes sociais no mundo e, particularmente no Brasil este cenário vem se desenvolvendo rapidamente, devido à alteração do cenário econômico, o desenvolvimento social e o crescimento do acesso à internet.

## 1.2 O Brasil das redes sociais

O Brasil está entre os países que possuem quantidade expressiva de usuários da rede, e o uso da web cresce acima da média mundial conforme pesquisas realizadas pela **ComScore**, empresa com referência global em mensuração on-line, em estudo publicado na Revista Próxima<sup>4</sup>.

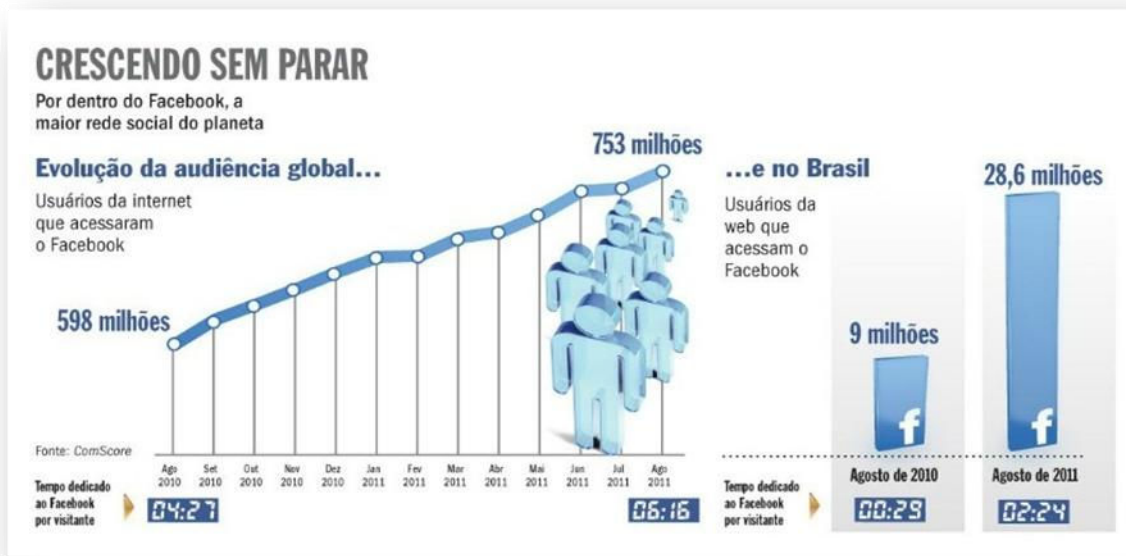
Os Brasileiros adeptos das redes sociais somam 85,3 % contra 70,5 % do total de internautas do mundo. E é o segmento da web que mais cresce no país: em 2009 o percentual de acesso era de 77,9%, e em 2010 pulou para 85,3%, contra um crescimento mundial de 67,6 % para 70,5 % no mesmo período. Entre os internautas brasileiros totais, 63% estão na faixa etária entre 15 e 35 anos.

A utilização da rede que mais cresceu entre todas as comunidades virtuais, é o Facebook, que somente no Brasil, em 2010, contabilizava 9 milhões de usuários, e que deu um avanço vertiginoso

<sup>4</sup> Fonte: Revista Próxima, nº 27 – abril de 2011, página 36

para 28,6 milhões de usuários em 2011, e em escala global já conta com cerca de 800 milhões de membros.

## Quadro 2 – O crescimento do Facebook em escala mundial e especificamente no Brasil



Fonte: (Veja, n.40, 5 out.2011)

Em pesquisa realizada pela mesma **ComScore** em novembro de 2011, o site de relacionamentos Orkut ainda configura-se como o mais acessado no Brasil, com média de 35,7 milhões de visitantes, contra 28,6 milhões da segunda rede social mais influente: o Facebook.

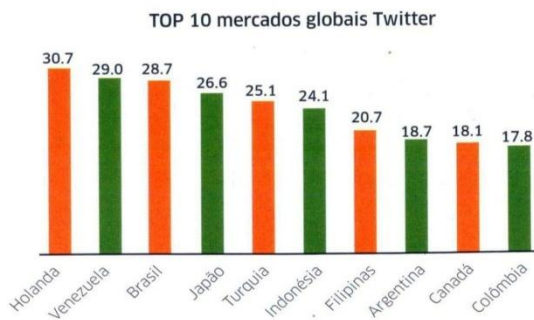
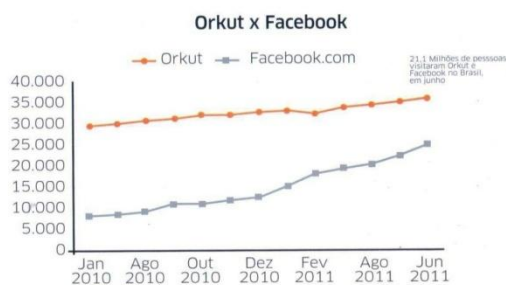
Ainda segundo a pesquisa “vale ressaltar também que 21,1 milhões de pessoas mantêm seus perfis atualizados em ambas as redes”. Mesmo com um público fiel o Orkut teve crescimento de 20%, e no mesmo período o Facebook, cresceu 192%.

Já a utilização do Microblogging Twitter no Brasil, o país está classificado atrás da Holanda e da Venezuela, alcançando um terceiro lugar, e contando com 28,7 % de brasileiros acessando o microblog somente em julho de 2011.

Neste último levantamento realizado pela **ComScore**, com dados de julho de 2011, “indica que o Brasil é líder mundial em penetração por Blogs”, com 94,4% de utilização. No quadro 3, dados estatísticos demonstram a extensão e o volume da utilização das redes sociais no país:

## Quadro 03: Panorama do tráfego on-line no Brasil





Fonte: ComScore - 1º semestre de 2011 – (Proxima, n.34, nov.2011)

## 2 DOCÊNCIA E REDES SOCIAIS: O APRENDIZADO NO AMBIENTE VIRTUAL

Analisando as redes sociais no campo da educação, sua utilização permanece sendo debatida e questionada, tanto pelos benefícios associados, no sentido de atualizar e dinamizar os processos de aprendizagem e ensino, quanto pelas “interferências dos aparatos tecnológicos” (smartphones, tablets, notebooks), Leszczynski (2011), afirma que mesmo que “*escolas barrem o uso de aparelhos smartphones temendo a dispersão da atenção ao conteúdo ministrado em sala, outros educadores apostam nas tecnologias para oferecer aulas mais dinâmicas e atraentes ao perfil dos alunos e mais próximas da interatividade que acontece nas redes sociais*”.

Avaliando-se a questão das tecnologias, ressalta-se o desenvolvimento do Ensino à distância, mas ao mesmo tempo é necessário analisar com cautela, se os métodos utilizados apenas reforçam o ensino tradicional, e os sistemas de avaliação ineficazes. Como nos afirma Castilho (2011): “*Também o ambiente virtual de aprendizado deve estar planejado de modo a aceitar novas informações, sugestões e críticas (...) se a rede tiver baixa capacidade de transmissão e não for compatível com as necessidades, será prejudicado o desempenho dos estudantes (...) principalmente porque, sendo prejudicada a interatividade, o conteúdo perde o sentido*”.

Nas Instituições de ensino superior é possível notar o aumento do uso das ferramentas digitais, como os editores de texto virtuais, os fóruns, sites, redes sociais digitais (sites de relacionamentos) por professores e alunos, gerando um aumento das possibilidades de aprendizagem e da disseminação da informação e da colaboração mútua. Apesar de parte de estas instituições estabelecerem como meta, oferecer laboratórios bem equipados e boas conexões Wi-Fi, permanece a ausência do alinhamento das tecnologias com o projeto pedagógico da Instituição.



Com as ferramentas tornando-se mais interativas a cada dia, surgem modelos de suporte e plataformas para as mídias sociais, possibilitando mais acessibilidade a alunos, professores e usuários em geral que, no entanto ainda configuram-se precariamente exploradas para fins educacionais, e circunstancialmente possuem acesso restrito nas escolas, devido ao receio de utilização mal-intencionada ou assuntos desvinculados do conteúdo pedagógico.

Esta postura das Instituições de ensino restringe possibilidades de aprendizagem que podem ser proporcionadas pelas redes sociais, dissociar a tecnologia da educação prejudica os alunos que possuem sua vivência fundamentada pela internet, os chamados **Millennials**<sup>5</sup> ou a geração Y. Estes jovens nascidos contextualizados com o ambiente Web, dominam as ferramentas interativas de forma dinâmica, possuindo a habilidade de lidar com tablets, notebooks, smartphones, IPOds e, ao mesmo tempo conectar-se com diversos usuários nas redes sociais, tornaram-se um perfil desafiador para a escola, que precisa gerenciar todas as informações que circulam neste universo e transformá-las em conhecimento. Moran (2000), afirma a necessidade de transformar o pensamento nas instituições de ensino, e encorajar o contato entre estudantes e universidades:

A tecnologia da informação provoca e cria possibilidades de comunicação entre os estudantes e as universidades / faculdades como instituições como instituições e também com os membros que as compõem, gestores, pesquisadores, acadêmicos e funcionários. Os serviços da WEB e os e-mails, as conferências virtuais e os grupos de discussão (chats e fóruns) aumentaram as oportunidades de os alunos acessarem conhecerem e se comunicarem com suas universidades e com as do mundo inteiro. (MORAN,2000)

As junções das ferramentas virtuais, das comunicações digitais e dos relacionamentos sociais nas redes, modificam o ambiente de aprendizagem, transformando-o em um “**ciberespaço**”, sem as salas, os conceitos e os métodos então estabelecidos, onde tudo está integrado e conectado em uma rede de informação e conhecimento e onde é possível observar que essa junção também proporciona uma nova maneira de pensar a educação, junto à percepção da redefinição de ensinar e aprender, e esta interação proporciona aos alunos e aos docentes uma forma diferente de aprendizagem.

As tecnologias da informação ou TICs, como são conhecidas, trouxeram mudanças significativas para a educação ao romper paradigmas na sala de aula tradicional e transformar o espaço de aprendizagem em um lugar no qual educadore educando aprendam e ensinem de maneira democrática, criativa, participativa e autônoma<sup>6</sup>.

Nestas redes virtuais, o docente poderá ser capaz de mediar o conhecimento, de tornar-se o “*possibilitador*” entre os alunos e as tecnologias, e promover a educação como um processo de socialização dentro e fora do universo virtual, segundo Gomes (2011, p. 32) “*ao professor cabe à tarefa de unir o interesse genuíno do aluno pela tecnologia a uma efetiva oportunidade de aprendizagem*”. E como observa Cimino (2007) ao refletir sobre a missão do educador, que *não se limita à distribuição da informação, mas promove no aluno a capacidade de “de posse da informação, a transforme em conhecimento e aprenda a transformar a realidade”*.

---

<sup>5</sup>Jovens conhecidos como Millennials ou Geração Y, que nasceram entre os anos 80 e 2000 (o nome Millennials foi talhado pelos estudiosos Neil Howe e William Strauss, no livro *MillennialRising*).

<sup>6</sup> Revista Linha Direta. Brasília – DF: Sinapes, Anaceu, nº 158 – Maio 2011. P 22 - 26

O aprendizado no ambiente virtual é um caminho contínuo, e a menor intenção de cercear as habilidades e competências dentro deste universo, é o caminho mais curto de tornar os alunos menos capazes de se inserir e participar de um mundo fundamentado em tecnologia.

A esta necessidade de formação docente, João Mattar, professor Universitário e autor de livros na área educacional, destaca que um dos principais obstáculos para a utilização da WEB 2.0 nas escolas é o precário preparo que os docentes possuem para atuar na rede, justamente por não terem domínio técnico para isso.

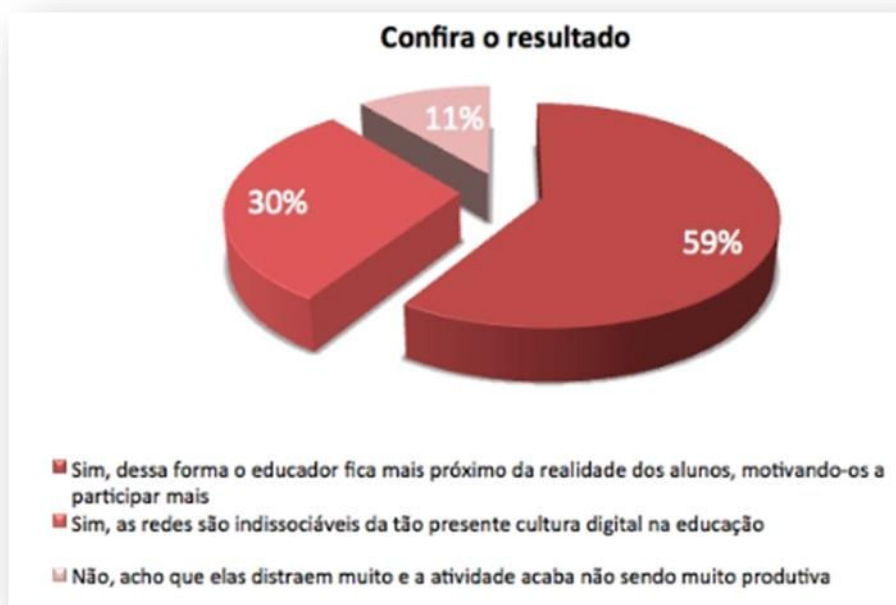
Os apontamentos para a resistência docente às ferramentas tecnológicas se fundamentam em questões como a falta de participação nas decisões a respeito da utilização dos ambientes virtuais nas escolas, aos recursos tecnológicos nas salas de aula, e a falta de participação no planejamento escolar.

Neste universo, o professor necessita ultrapassar a forma tradicional de organização curricular e definir novas relações entre a teoria e a prática, garantindo condições para o desenvolvimento coletivo e interdisciplinar no espaço tecnológico de aprendizagem. Junto ao aluno torna-se o parceiro, o interlocutor, facilitador, e como reflete Castilho (2011), o professor *“deve estar equipado com métodos e meios pedagógicos para adaptar o processo a cada momento que perceber uma reação ou resistência do aluno. O professor atento percebe e analisa rapidamente essas atitudes, ajustando o método de ensino para satisfazer necessidades específicas de aprendizado”*.

Além de todas as medidas para capacitação docente, é necessário também verificar a aplicação de mudanças, tanto culturais quanto na prática profissional. Para realizar um levantamento claro referente à expectativa do docente frente à utilização das redes sociais em sala de aula, o portal do Instituto Claro, realizou enquête junto aos profissionais da área que visitaram o portal em março de 2011, com a seguinte questão: **Você acha que o professor deve levar as redes sociais para a sala de aula?**

Os resultados obtidos no gráfico demonstram que 89% dos docentes aprovam a utilização, mas por motivos diferentes. Segundo as informações do portal os 11% que se colocaram contra a utilização das mídias sociais em sala de aula, alertaram para o fato de que elas podem distrair os alunos e tornar as atividades menos produtivas, o que comprova a dificuldade de todo o organismo educacional de compreender a educação como processo de socialização, e de que os ambientes virtuais, podem ser utilizados para o desenvolvimento de melhores práticas pedagógicas.

### **Gráfico 1: Análise dos resultados da Enquete**



Contudo há a necessidade de realizar ações que insiram o docente neste ambiente, torná-lo coadjuvante dos processos assim como afirma Kenski (2003): *“garantindo seu acesso à informação e a interação comunicativa... A atuação de qualidade do professor brasileiro na sociedade da informação vai depender de toda uma reorganização estrutural do sistema educacional, da valorização profissional da carreira docente e da melhoria significativa da sua formação, adaptando-o as novas exigências sociais e oferecendo-lhe condições de permanente aperfeiçoamento e constante atualização”*.

### **3 REDES SOCIAIS E AMBIENTES VIRTUAIS NA SALA DE AULA**

A maior parte dos especialistas em educação defende a utilização de tecnologia como forma auxiliar no processo de aprendizagem, desde que esta não seja usada como um fim em si mesma, servindo apenas como chamariz para motivar os alunos. (Prada, 2011 p. 33)

Prada (2011) traduz de forma contundente como as tecnologias podem ser utilizadas em salas de aula pelo docente, correlacionando-as em um plano de ensino adequado aos grupos e as disciplinas específicas.

As tecnologias da informação tornaram-se fundamentais para o docente que pretende apresentar seus conteúdos com inovação e atratividade, sabendo que além do plano pedagógico, elas representam itens indispensáveis para atender a necessidade do próprio aluno, cada vez mais inserido no contexto tecnológico.

Mas a realidade é bem diferente nas aplicações diárias, o docente vê-se diante de ferramentas digitais das quais não possui preparo adequado para utilização, ou mesmo não compreendem seu funcionamento, e ao não possuir domínio do meio, não desenvolve a habilidade de criar uma proposta pedagógica que envolva esta ferramenta.

Há situações em que a própria Instituição de Ensino Superior na tentativa de atender as exigências do currículo proposto pelo Ministério da Educação exige que as tecnologias com contexto

educacional façam parte do cotidiano docente, que por sua vez vê-se obrigado a lidar burocraticamente com ferramentas com as quais não possui habilidades.

Contudo apesar das adversidades, é possível perceber as tentativas de associação das novas tecnologias em algumas instituições de ensino superior no Brasil, por exemplo, já é possível verificar que existem Universidades que entregam “*Tablets*” aos alunos iniciantes, com conteúdos personalizados que serão utilizados durante suas estadias acadêmicas, a exemplo de instituições norte-americanas. Uma Universidade na cidade de São Paulo há cerca de quatro anos iniciou a reestruturação de seu modelo de ensino, transformando seu conteúdo impresso para on-line.

Na sequência à entrega a Universidade desenvolveu um ambiente virtual, disponibilizando ao aluno a bibliografia indicada ao seu curso, bem como exercícios e atividades propostos pelos professores. Segundo pesquisa realizada por Felipe Jahn, para a Revista Ensino Superior, afirma que nessa ação, os alunos recebem o tablet e um cartão de acesso à internet 3G, e é através dele que conseguem conectar-se a toda estrutura do ambiente virtual, incluindo uma biblioteca com mais de três mil obras disponíveis para download.

Ainda no artigo de Jahn (2012), a Coordenadora do curso de Direito da Instituição, afirma que as alterações promovidas pela reformulação já podem ser detectadas e “aponta algumas das mudanças: aulas mais dinâmicas e mais analíticas, em que se passa mais tempo discutindo casos concretos do que os expondo”.

Em todo o país também existem Universidades que se propõe a utilizar novas ferramentas de tecnologia, como a plataforma norte-americana “*BlackboardAnalytics*”, que auxilia na gestão dos “rumos da metodologia usada em sala de aula”. Segundo Marcelo Souza, diretor de tecnologia de uma Universidade em São Paulo, a implantação dessas ferramentas e verificação das estatísticas deram oportunidade aos professores e coordenadores de desenvolverem uma competência de estrategistas sobre suas disciplinas e cursos. “*Eles conseguem organizar e formatar aulas e conteúdo de modo que possam atuar de forma mais produtiva*”, completa Marcelo.<sup>7</sup>

No mesmo caminho que a plataforma *Blackboard*, mas como real exemplo de redes sociais aplicadas ao ensino, destaca-se a *Com8s*, uma rede social colaborativa, desenvolvida por brasileiros, destinada a professores e alunos. Telles (2010), autor de “A revolução das mídias sociais”, ao discorrer sobre a *Com8s*, afirma que “*neste ambiente, professores e alunos podem compartilhar documentos, criar grupos de estudo, realizar videoconferências, criar calendários de provas e participar de discussões sobre temas de interesse comum, em tempo real*”. Sem custos, a rede possui acesso gratuito aos seus membros, e possui entre tantos “*benefícios, o estímulo à geração de conteúdos, o compartilhamento de ideias e interesses, a cooperação mútua, o enriquecimento da comunicação, a otimização do tempo e a facilidade no processo de aprendizado*”, afirma Telles.

As opções de utilização de mídias sociais no ambiente escolar amplificam as oportunidades de aprendizado. É possível transformá-las criativamente para fins educacionais, obedecendo-se os limites de sua utilização para fins que ferem a ética como o “cyberbullying”, e demais crimes digitais, e que também superem a característica narcisista que impera nestes meios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais, como que uma evolução no comportamento humano, surge para modificar o relacionamento interpessoal, promovendo a interação dos indivíduos de modo extremamente dinâmico e veloz.

---

<sup>7</sup> Ver: JAHN, Felipe. Sem Medo do Futuro. Revista Ensino Superior, Edição nº 165 – junho de 2012, p.28 -32

Nestes espaços, como as redes sociais digitais, os hiperlinks, os blogs, e plataformas de compartilhamento e download de arquivos e vídeos, configuram-se não somente como ferramentas de aprendizagem, mas também promovem a compreensão destes espaços como “espaços colaborativos”.

É preciso verificar antes de tudo que estes recursos tecnológicos, permitem ser utilizados de diversas maneiras: desenvolvendo comunidades de integração não somente para o lazer e profissionalmente, mas também para a instituição escolar junto ao projeto pedagógico, para a sala de aula e também para a disciplina, compartilhando informações e opiniões, gerando um “relacionamento didático” entre os docentes.

A utilização das redes sociais como ferramentas de ensino, destaca-se também pela capacidade de favorecer a aprendizagem interativa e coletiva, bem como beneficia a amplitude do conteúdo do ensino, somando a este, a formação do indivíduo com base na aprendizagem colaborativa, que é a característica mais importante das redes sociais no espaço educacional, onde as figuras invertem-se e complementam-se: docentes e alunos se assumem colaboradores na troca de conhecimento.

Analisando as possibilidades de utilização, é possível perceber que permitem a aprendizagem mediante a autonomia do usuário, favorecendo o desenvolvimento da habilidade de análise crítica, os debates em grupos e a produção individual, que são estimulados continuamente.

Com as oportunidades de aplicação das tecnologias, também se verifica que o ambiente das salas de aulas tradicionais, não pode coexistir com uma arquitetura digital, onde o preceito é a interação instantânea e inteligente, onde o virtual torna-se o espaço cognitivo e de aprendizagem entre diferentes probabilidades de conectividade, pesquisa e de colaboração contínua.

Na tentativa de aperfeiçoar os recursos existentes, é possível perceber o desenvolvimento de comunidades virtuais abordando temas educacionais com a intenção de promover a ampliação do ambiente de debates para todos os interessados nos assuntos relacionados, junto aos profissionais da educação, pesquisadores e aos alunos, e o desenvolvimento de projetos para promover a utilização junto às escolas públicas e privadas.

Através desta análise verificou-se que dentre os motivos para estes recursos não serem explorados plenamente no campo do ensino / aprendizagem, configuram-se à resistência e falta de preparo docente, pois sua relação superficial com as novas mídias prejudica a interação no processo pedagógico.

Porém junto a este panorama existente entre os profissionais, é possível perceber mudanças significativas, e é notável que venha se alterando graças a fóruns de discussão, congressos educacionais e as próprias redes sociais.

O desafio a partir de agora é o acompanhamento da aplicação destas ferramentas, verificar como os jovens alunos absorvem e partilham o conhecimento, de como este se organiza, se transforma e é produzido pelos diversos grupos, visto que a conectividade da WEB 2.0 criou um campo infinito de possibilidades. Conforme nos diz Azenha(2011)<sup>8</sup>: *“diante dessas possibilidades de acesso, é necessário entender o importante papel que a rede pode desempenhar na educação, na formação do estudante e do profissional, oferecendo diversas formas de pesquisa e de aquisição de conhecimento”*.

---

<sup>8</sup> Doutoranda em Educação e pesquisadora em Tecnologia Educacional do Inovaeduc e do Portal EducarBrasil

Conclui-se então que o papel do docente é vital neste processo de reconhecimento entre o aluno, o conhecimento e as tecnologias, e sem a sua mediação as redes sociais digitais não são intensas o suficiente na esfera educacional, pois dependem do monitoramento destes profissionais junto aos métodos e ao desenvolvimento de conteúdo pedagógico, que utilize as ferramentas de modo mais amplo, interativo e funcional, instituindo ambientes de aprendizado inventivo e colaborativo e fortalecendo as diversidades de opiniões e a autonomia dos alunos para propiciar a plena qualidade ao ensino.

## Referências:

AZENHA, Luciana. *Redes sociais online e comunidades colaborativas: de qual delas você faz parte?* Disponível em <<http://www.educarbrasil.org.br/publicacoes/redes-sociais-online-e-comunidades-colaborativas-de-qual-delas-voce-faz-parte/>> - Acesso em 26 de novembro de 2011.

BOLETINES PANDALABS. *Redes Sociales em el punto de mira*, 2008. Disponível em <[http://www.pandasecurity.com/img/enc/Red\\_sec\\_punto\\_mira.pdf](http://www.pandasecurity.com/img/enc/Red_sec_punto_mira.pdf)> Acesso em 06 ago. 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1. 698 p., (A era da informação: economia, sociedade e cultura).

CASTILHO, Ricardo. **Ensino a distância EAD: interatividade e método**. São Paulo: Atlas, 2011. 139 p.

CIMINO, Valdir. **Papel do educador na era da interdependência, O**: como incrementar as relações entre educadores e alunos por meio de uma comunicação ética e solidária. São Paulo: Clio, 2007. 159 p.

CONEXAO PROFESSOR. Disponível em <http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/temas-especiais-26a>. Acesso entre os dias 10 e 30 de janeiro de 2011.

DI FELICE, Massino (Org.). **Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social**. São Caetano do Sul: Difusão, 2008. V. 1. 336 p., il., 21 cm. (Era digital; v. 1).

JAHN, Felipe. *In: artigo publicado na Revista Ensino Superior, edição n.165, jun. 2012, sob o título Sem Medo do Futuro.*

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 190 p.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 7. Ed. Campinas: Papirus, 2003. 160 p.

INSTITUTO CLARO. Disponível em <https://www.institutoclaro.org.br/em-pauta/levar-as-tics-para-a-sala-de-aula-desafios-para-os-professores/>. Acesso em 11 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Disponível em <https://www.institutoclaro.org.br/em-pauta/uso-das-redes-sociais-na-educacao-avanca-mas-ainda-apresenta-grandes-desafios>. Acesso em 20 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. Disponível em <https://www.institutoclaro.org.br/em-pauta/uso-das-redes-sociais-na-educacao-avanca-mas-ainda-apresenta-grandes-desafios> Acesso em 20 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. Disponível em <https://www.institutoclaro.org.br/em-pauta/uso-das-redes-sociais-na-educacao-avanca-mas-ainda-apresenta-grandes-desafios>. Acesso em 20 abr. 2011.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: EDITORA 34, 1999. 264 p.

LESZCZYNSKI, Luciene. In: Artigo publicado na Revista Ensino Superior, edição n.156, set. 2011, sob o título *Muito mais para o bem*.

LÉVY, Pierre. **Tecnologias da inteligência, As: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda Ap. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000. 176 p.

PRADA, Dave Lima. *Processo Educativo e Cultura Digital*. Revista Jurídica Consulex, Brasília, DF. Nº 344 – 15 de maio de 2011, p. 33-35

SILVA, Siony da. *Redes Sociais Digitais e Educação*. Revista Iluminart, Campinas, n. 05, Ago. de 2010.

SPYER, Juliano. **Conectado: o que a internet fez com você e o que você pode fazer com ela**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 254 p.

TELLES, André. **A revolução das mídias sociais: Estratégias de marketing digital para você e sua empresa terem sucesso nas mídias sociais: cases, conceitos, dicas e ferramentas**. São Paulo: M.Books, 2010. 200 p.

TCEXP. Disponível em <http://www.tcexp.com.br>. Acesso em 10 jan. 2011.

#### **ADRIANA DE OLIVEIRA BATISTA**

[adriana.batista@belasartes.br](mailto:adriana.batista@belasartes.br) ou [dricabatista@gmail.com](mailto:dricabatista@gmail.com)

Designer. Pós-Graduação (Lato Sensu) em Magistério para o Ensino Superior; Licenciatura Plena em Artes; Bacharel em Design pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Experiência em Sistemas de Qualidade ISO 9001 e atua no CGI - Centro Gestor da Informação da Belas Artes.

#### **LEILA RABELLO DE OLIVEIRA**

[leila.rabello@belasartes.br](mailto:leila.rabello@belasartes.br) ou [leilarabello@uol.com.br](mailto:leilarabello@uol.com.br)

Mestrado em Ciência da Informação pela PUC-Campinas; Pós-Graduação (Lato Sensu) em Educação no Ensino Superior pela Universidade Anhembi Morumbi; Licenciatura Plena em História; Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. **Chefe do Centro Gestor da Informação e Professora no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação**. Professora na BSP Business School São Paulo e na Universidade Anhembi Morumbi nos Cursos de MBAs e Masters. Diretora e Consultora da Thesis Organização & Metodologia.



